

Antifonte, Aspásia e Sócrates no *Menéxeno* de Platão.

Anna Christina da Silva

Doutoranda em História da Filosofia Antiga pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros

salomonsilva@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo enfoca a discussão acerca da retórica que envolve Antifonte e Sócrates no diálogo *Menéxeno* de Platão, concluindo que tal discussão não deve ser entendida simplesmente como "sátira", pois abrange outras formas de exposição conduzidas por Antifonte em seus discursos. Assim, após esboçar a relação crítica de Platão e Antifonte, responsável, talvez, pelo surgimento de tantos embaraços, o artigo procura esclarecer o modo como Antifonte entende e concebe as funções retóricas do discurso político. **Palavras-chave:** Antifonte; Platão; Retórica; Gêneros de Discurso.

Numa passagem do diálogo *Menéxeno*, que recebe como subtítulo *Oração Fúnebre, gênero moral*, Sócrates faz referência à escola de Antifonte, onde ele ensinava eloquência política e de aparato. Antes de tratarmos dessa referência tão irônica endereçada a Antifonte, vejamos algumas passagens que nos ajudam a esclarecer o contexto em que o nosso autor é mencionado.

Sócrates encontra o jovem Menéxeno que, tendo participado de uma reunião do conselho na *ágora*, onde os cidadãos preparavam as celebrações para homenagear os que foram mortos no campo de batalha, se mostra entusiasmado com a escolha do orador que deverá pronunciar a oração fúnebre (234a-b)¹. Sócrates critica as orações

¹

tradicionais porque os oradores se ocupam em iludir seu auditório, “elogiando até quem carece de todo merecimento”, discursando “sobre as qualidades reais e imaginárias dos que morreram” e utilizando “termos tão variados” que são capazes de deixar os ouvintes “enfeitiçados” (234c-235a-c). Ele enfatiza que em tal situação o orador não terá dificuldade em obter êxito perante o seu auditório, pois ele deverá elogiar os atenienses diante dos próprios atenienses (235d).

Em seguida, Menéxeno se mostra surpreso quando Sócrates declara estar disposto a pronunciar uma oração fúnebre. Ao tomar a iniciativa de improvisar uma oração fúnebre, Sócrates prova ao jovem Menéxeno que esta tarefa não requer preparação e muito menos um grandioso conhecimento. Sócrates afirma que tanto para ele, que estudou retórica com Aspásia, “professora de retórica que preparou excelentes oradores, como Péricles”, quanto para aqueles que “receberam uma instrução menos aprimorada por terem estudado retórica com o Ramnúcio Antifonte” é fácil obter êxito nesse gênero de discurso (235e-236 a).

A referência ao demo de Ramnous, ao qual pertencia Antifonte, não é um indício seguro o bastante para estabelecer a distinção comumente aceita entre “Antifonte, o orador” e “Antifonte, o sofista”. Contudo, tendo em vista o contexto em que essa referência aparece no *Menéxeno*, para nós, é certo que nela não está incluído o terceiro homônimo, “Antifonte o poeta trágico”. O mais significativo é que esse dado oferecido por Platão não foi utilizado pelos contemporâneos de Antifonte, para distinguir dois escritores homônimos, que viveram em Atenas na mesma época e alcançaram muito prestígio. Entre os doxógrafos antigos, apenas Plutarco, no livro *Vida dos dez oradores*, faz referência ao demo de Ramnous ao qual pertencia Antifonte. Na notícia biográfica, estabelecida pela crítica moderna, a passagem do *Menéxeno* platônico figura entre os dados do “Antifonte orador”, mas, na biografia de “Antifonte sofista”, não dispomos de dados sobre o *demós* ao qual ele pertencia.

Para nós, o que é valioso nessa passagem do *Menéxeno* é o fato de Antifonte figurar ao lado de Aspásia como um personagem muito bem construído por Platão e que foi escolhido para desempenhar um papel muito instigante. A primeira impressão que temos, quando nos encontramos com essa passagem, é reforçada pelo comentário

elaborado por Guthrie a respeito da mesma. Para esse pesquisador, nessa passagem, a ironia inconfundível de Sócrates mescla-se com um humor cômico que consiste em retratar com desdém Antifonte, concedendo-lhe, como mestre de retórica, uma posição inferior à de Aspásia, sendo que, perante os atenienses, ele foi considerado o melhor orador de seu tempo (Guthrie, 1988, p. 305).

No entanto, acreditamos que a interpretação desse texto exige mais do que uma apropriada identificação da ironia socrática. A nosso ver, essa passagem do *Menéxeno* pode ser entendida como um desdobramento das idéias expressas por Platão sobre a retórica, em diálogos como o *Fedro* e o *Górgias*.¹ De início, podemos dirigir nossa atenção para a reordenação das concepções gerais da arte de falar apresentadas por Platão, nesses diálogos, tendo em vista a questão relativa à composição dos discursos. Em seguida, voltaremos nossa atenção para o *Menéxeno* buscando identificar o que teria atraído a atenção de Platão sobre Antifonte e os motivos que o levaram a aproximar, no mesmo exemplo, Aspásia e Antifonte.

Começamos nossa incursão pelo diálogo *Górgias*, onde encontramos, na passagem 454b uma das definições da retórica apresentada por Górgias como resposta à pergunta de Sócrates: “Que espécie de persuasão é a retórica e sobre o que se manifesta?”

Em sua resposta, Górgias afirma que a retórica trata dos assuntos humanos que são discutidos nas assembléias e tribunais. E, numa tentativa de explicitar sua definição, Górgias acrescenta: “nestas discussões que têm lugar nas assembléias e tribunais a retórica se ocupa em deliberar sobre o que é justo e sobre o que é injusto” (454a).

Mais adiante, Sócrates sugere que existem dois tipos de persuasão: uma que atua pela crença e outra que tem como fonte o conhecimento. Górgias ao concordar com esta proposição é levado a responder a seguinte pergunta: “De qual dessas persuasões se vale a retórica nos tribunais e nas demais assembléias, relativamente ao justo e ao injusto! Da que é fonte de crença sem conhecimento, ou da que é fonte só de conhecimento?”(454e)

A esta pergunta, Górgias responde apresentando-nos a última definição da retórica: “Evidentemente, Sócrates, da que dá origem à crença”.

A resposta de Górgias permite que Sócrates apresente uma conclusão favorável a sua tese: “Então, ao que parece a retórica é artesã da persuasão que promove a crença, não o conhecimento relativo ao justo e ao injusto” (455a).

Dito isto, Sócrates continua o diálogo com Górgias buscando confirmar, através de exemplos ilustrativos, que a retórica não abarca conhecimento algum, sendo por isso uma mera habilidade. Tal habilidade, segundo Sócrates, é utilizada para “adular”, “agradar” e pode ser adquirida por experiência (*empeiria*). Para Sócrates, a retórica diz aos homens o que eles desejam ouvir e o que é agradável de ouvir, ao invés de informar o que é o melhor para eles (463b-c).

Nestas passagens do *Górgias*, Sócrates dirige nossa atenção sobre os esforços empreendidos pelo sofista Górgias para definir a virtude de sua eloquência. No entanto, a astuciosa inquirição de Sócrates leva Górgias a revelar as insuficiências da eloquência política praticada por ele, num quadro que nos faz lembrar as críticas às orações fúnebres tradicionais apresentadas no início do *Menéxeno*, onde Sócrates mostra os mecanismos utilizados pelos oradores na composição dos discursos, bem como os efeitos nocivos dos elogios sobre o auditório.

Tendo em vista essas formulações de Sócrates, podemos propor além da aproximação entre o *Menéxeno* e o *Górgias*, outra ponte entre o *Menéxeno* e o *Fedro*. Na passagem 260d-e do *Fedro*, Sócrates, tendo examinado o procedimento dos oradores que, falando para um público “tão ignorante quanto eles”, procuram persuadi-lo “com o elogio do mal apresentado como bem” a “praticar o mal em lugar do bem”, conclui que é por cultivar a mentira ao invés da verdade que a retórica é vista por muitas pessoas como “uma simples rotina”. Na passagem seguinte, Fedro diz estar de acordo com as conclusões alcançadas por Sócrates e solicita ao amigo que analise a retórica enquanto esta representa “a autêntica arte da palavra” (261a).

Atendendo ao pedido de Fedro, Sócrates apresenta a retórica como “a arte de conduzir as almas por meio da palavra”, tendo em vista “não apenas os discursos

proferidos nos tribunais e em outras reuniões públicas, como também os discursos proferidos em reuniões particulares” (261b).

Mais adiante, Sócrates passa a considerar os discursos dos tribunais dizendo que cada orador, ao contestar “as afirmações de seus opositores a respeito do justo e do injusto”, faz parecer “ora justas ora injustas as mesmas coisas às mesmíssimas pessoas” (261d). Tendo obtido o consentimento de Fedro, Sócrates afirma que é através da “arte da controvérsia”, cuja aplicação é “genérica para tudo o que se fala”, que os oradores provocam a “ilusão” através dos discursos (261e).

Ao utilizarmos essas passagens, onde Platão condena o procedimento dos oradores do seu tempo, para ilustrar a proximidade da crítica à retórica feita no *Fedro* e no *Górgias* com a que encontramos no prólogo do *Menéxeno*, pretendemos indicar que, em ambos os diálogos, o que Platão condena é a mentira e a adulação, empregadas pelos oradores como instrumentos de persuasão. Assim, nos posicionamos ao lado daqueles helenistasⁱⁱ que buscam reconciliar, no *Menéxeno*, o prólogo, apresentado em forma de diálogo, com a oração fúnebre improvisada por Sócrates, defendendo que o diálogo não é uma peça satírica, pois foi escrito para mostrar as diferenças entre os valores e as práticas dos sofistas e os de Sócrates e Platão.

Nesse ponto, recorremos ao estudo de Clavaud onde ele enfatiza que, no *Menéxeno*, Platão, ao abolir os limites que separam a eloquência política e a eloquência de aparato, apresentando todos os discursos públicos sob a classificação de *lógoi politikoí* (249e), nos autoriza a aproximar os três diálogos e também nos auxilia a compreender o papel desempenhado por Antifonte e sua relação com Aspásia (Clavaud, 1980, p. 90). Com muita cautela, Clavaud busca desfazer os abusos cometidos pela maioria dos helenistas que acreditam que o leitor do *Menéxeno* deve dispor de uma “arte singular” para discernir por detrás da menção a Antifonte uma menção a Tucídides, tendo em vista uma relação entre mestre e discípulo justificada pelo testemunho de Plutarco.ⁱⁱⁱ Segundo Clavaud, esta tendência a extrair do *Menéxeno* menções indiretas a personagens históricos que não figuram nele pressupõe, erroneamente, que Platão pretendeu enfatizar nesse diálogo “uma querela entre pessoas e não uma querela de idéias.^{iv}” (1980, p.91-92).

A nosso ver, convém seguirmos as observações de Clavaud, que afirma que o argumento mais convincente é aquele que mostra a figuração de Antifonte no texto de Platão como exemplo de uma genuína “querela de idéias”, visto que o orador representa, ao lado de Aspásia, a eloquência judiciária em consonância com a eloquência epidítica ou de aparato.^v

No *Menéxeno*, encontramos um indício que nos mostra como eram escritos os discursos políticos que foram criados na oficina de oradores como Aspásia e Antifonte. Na passagem 236b, Sócrates, antes de improvisar sua oração fúnebre, diz ao jovem Menéxeno que tinha se encontrado com Aspásia. Nesse encontro, Aspásia declamou para Sócrates uma oração fúnebre, cuja composição incluía “uma parte feita de improviso”, outra parte feita de “passagens previamente meditadas”. Ela também utilizou passagens da “oração fúnebre que Péricles pronunciou” para compor o seu discurso. Aos olhos de Sócrates, todas essas sobreposições de trechos de discursos resultam numa “colagem” (*sygkollôsa* ou *kollêma*). Essa “colagem” de discursos constitui a peculiaridade da técnica que Antifonte e Aspásia compartilharam e utilizaram para a composição dos seus discursos. Como exemplo, podemos pensar, como nos sugere Clavaud, que Platão, ao escolher Antifonte como personagem, estaria se endereçando à escola dos lugares comuns, onde estudaram oradores como Lísias, Iseo e Andócides, em oposição à escola do estilo que foi dirigida por Górgias.^{vi} (1980, p. 264). O que equivale a dizer que estamos no domínio da logografia, onde a predominância dos lugares comuns (*topói*) revela as fórmulas e as coletâneas de passagens que cada orador dispunha para adaptar seus discursos a diferentes contextos.

A adaptação dos lugares comuns pode ser reconhecida, na obra de Antifonte, tanto pela divisão bem marcada do discurso em partes, como o proêmio, a narrativa, a argumentação e o epílogo, como pela transferência de frases e argumentos de um discurso para o outro. De um discurso a outro, essa transferência literal de trechos e argumentos é realizada através de “fórmulas de transição” que permitem ao orador fazer uma “colagem” da sua coletânea de lugares comuns (Gernet, 1954, p. 106).

Para os pesquisadores Louis Gernet e Robert Clavaud, o exemplo mais notável dessa utilização mecânica dos lugares comuns aparece no final do último discurso da

terceira *Tetralogia*. Essa *Tetralogia* trata de um assassinato em legítima defesa e corresponde à réplica do acusado^{vii}. A réplica é pronunciada pelos amigos do acusado que recorrem a um argumento de ordem religiosa para despertar o temor nos juízes, dizendo que o culpado precisa ser punido para não haver nenhuma mácula que possa atrair o fantasma da vítima:

“Com esse temor, pensai que vosso papel é absolver aquele que é puro [quanto àquele que está maculado pelo assassinato, remetei-vos ao tempo para descobrir e aos pais da vítima para castigá-lo]. É assim que vós respeitareis mais a justiça e a religião” (Antifonte, *Tetralogia G*, D).

O trecho acima citado foi retirado da edição bilíngüe editada por Louis Gernet^{viii}, que, no aparato crítico, nos explica que a frase que está colocada entre colchetes é um lugar comum que está deslocado do seu contexto, pois o culpado é conhecido e tenta se livrar da culpa com argumentos que o tornam inocente, puro aos olhos dos juízes. Por essa razão, a frase que está entre colchetes é desprovida de sentido porque os juízes não precisam procurar um outro culpado para o assassinato (1954. p. 100, n.01).

Em contrapartida, Clavaud observa que Gernet emitiu uma opinião apressada sobre esse trecho da última *Tetralogia*. Para ele, a frase que Gernet colocou entre colchetes pertence ao estoque de “lugares comuns” do orador e foi transferida quase que literalmente do discurso *Sobre o assassinato de Herodes* (Antifonte, V). Segundo Clavaud, essa “colagem” realizada por Antifonte justifica o paradoxo do acusado/inocente, que levou Gernet a julgar este “lugar comum” externo ao texto e, ao mesmo tempo, mostra, do ponto de vista da composição, como eram feitas as transposições de trechos que muitas vezes não possuíam a “harmonia do detalhe” (1980, p. 270-271).

Essa reversibilidade dos argumentos que são transportados de acordo com as circunstâncias (*kairós*), para esquematizar casos complexos, é a pedra de toque para entendermos porque Platão cita Antifonte. Esses procedimentos, adotados por Antifonte ao praticar a logografia, são condenados por Platão no *Menéxeno*. Isso explica porque o filósofo é tão severo com Antifonte situando-o abaixo de Aspásia como um orador de segunda ordem.

Notas

i A data de composição do *Menéxeno* coincide, segundo Guthrie, com um acontecimento histórico (Guthrie, 1988, p. 303-305). A celebração fúnebre mencionada por Menéxeno, no início do diálogo e por Sócrates, quando este improvisa sua oração fúnebre, deve ser associada ao elogio público destinado aos mortos da Guerra de Corinto que foi pronunciado depois da promulgação do tratado de Paz de Antálcidas, em 387.

ii A interpretação dessa passagem do *Menéxeno*, assim como a interpretação do restante do diálogo, envolve muitas dificuldades, visto que muitos especialistas duvidam da autenticidade desse diálogo. Coletar o veredicto dos principais helenistas que estudaram esse diálogo é uma tarefa que foi realizada exaustivamente por Robert Clavaud em seu livro, *Le Ménexène de Platon et la rhétorique de son temps*. A peculiaridade da pesquisa empreendida por Clavaud consiste em analisar, desde Aristóteles até chegar em seus contemporâneos, todas as alusões ao *Menéxeno*, apresentando uma extensa bibliografia crítica desse diálogo. Na segunda parte desse livro, “La Rhétorique du Ménexène”, no capítulo *L’Atelier des Orateurs*, encontramos uma importante análise da passagem em que Antifonte é citado. Como pretendemos buscar uma mensagem positiva e não apenas uma brincadeira irônica nessa passagem em que figura Antifonte, decidimos seguir os passos de Robert Clavaud (Clavaud, 1980, p.263-301).

iii Seguimos a pesquisa de Clavaud que menciona os veredictos que foram apresentados por Schleiermacher, Wilamowitz e Wichmann, onde prevalece uma valorização das figuras de retórica atenuando o tom da ironia socrática (1980 p. 45-46).

iv Em sua *Vida dos dez Oradores*, Plutarco cita Cecílio, dizendo que esse autor consagrou uma biografia a Antifonte e nela “deduziu” que Tucídides foi seu discípulo. Este testemunho de Plutarco pertence à coletânea de fragmentos do “Antifonte orador” que foi editada por Louis Gernet (1954 p.26-30).

v Este equívoco aparece em Dionísio de Halicarnasso que, entre os diversos escritores que compõem a crítica antiga do *Menéxeno*, apresenta, pela primeira vez, uma filiação entre Platão e Tucídides. Com essa filiação, Dionísio de Halicarnasso pretende inferir uma segunda alusão a Tucídides. Para Dionísio, através do personagem de Péricles, apresentado como um dos excelentes oradores que foi aluno de Aspásia, Platão estaria mencionando Tucídides, que reproduziu, em sua obra, a famosa *Oração fúnebre de Péricles*. Tendo em vista essa identificação entre o filósofo e o historiador, Dionísio interpreta a oração fúnebre improvisada por Sócrates no *Menéxeno* como sendo uma “imitação” da oração fúnebre de Péricles presente em Tucídides (Clavaud, p.26-27, 1980).

vi Como vimos, para Platão, não há oposição entre as várias modalidades de eloquência pública porque todas elas podem ser definidas pela rubrica dos *lógoi politikói*. É importante retomarmos essa observação porque essa classificação única dos discursos públicos apresentada por Platão já não aparece em Aristóteles que, no livro II de sua *Retórica*, classifica os discursos públicos em três gêneros: deliberativo, jurídico e epidítico. Em contrapartida, no gênero epidítico, Aristóteles não faz nenhuma distinção entre *epitáphios* e *enkomíon* (Aristóteles, livro I, 1358 b).

vii Essa observação de Clavaud nos leva a pensar que, no *Menéxeno*, Platão dirige sua crítica tanto aos oradores do passado como aos oradores do presente. Nicole Loraux, em seu livro *A invenção de Atenas*, confirma o que acabamos de dizer: “No *Menéxeno*, Platão não critica apenas o *epitáphios* de Péricles – que louva a democracia *hic et nunc* – mas, igualmente, e de maneira mais generalizada, a oração fúnebre de sua época e, com ela, todos os panegíricos de Atenas, onde o Estado nunca extrai sua glória de seus próprios feitos mas, muito aristocraticamente, da exaltação dos ancestrais” (Loraux, 1994, p.206).

viii No *proêmio*, Antifonte apresenta o tema a ser discutido pelas partes dizendo que dois indivíduos, um jovem e o outro um homem de mais idade, começam a lutar depois de uma discussão. O indivíduo mais jovem é muito mais forte e mata a golpes com o próprio punho o seu adversário. Para se defender da acusação ele busca provar que o seu adversário foi o primeiro a agredir com golpes obrigando-o a lutar para se defender. Segundo Antifonte, nos discursos de defesa e de acusação “a argumentação consiste em uma incriminação recíproca” (Antifonte, p. 88, 1954).

ix GERNET, Louis. *Antiphon Discours*. Paris: Belles Lettres, 1954.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias:

ANTIPHO. Ed. F. Decleva Caizzi. In: *Corpus dei papiri filosofici greci e latini*. Accademia Toscana di Scienze e Lettere, La Colombarina. Parte I: Autori Noti. Vol. 1. Firenze: Olschki, 1989.

ANTIPHON & ANDOCIDES. Trad. M. Gagarin; D. MacDowell. Austin: Univ. of Texas Press, 1998.

ANTIPHON. Speeches. Ed. e Trad: Maidment, K. J. In: *Perseus Classical Texts*: <http://www.perseus.tufts.edu>

ANTIPHON. Discours. Trad. Louis Gernet. Paris: Belles Letres, 1954.

Antiphon. THE OLDER SOPHISTS. Transl. John S. Morrison. Edited by: Rosamond Kent Sprague. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2001.

ANTIPHONTIS TETRALOGIAE. Ed. e trad. F. Decleva Caizzi. Milano: Instituto Ed. Cisalpino, 1969.

PLATÃO. *Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém do Pará: Ed. U.F.PA., 1980.

PLATÃO. *Menéxeno*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém do Pará: Ed. U.F.PA., 1980.

PLATON, *Obras Completas*. Trad. Maria Araujo, Francisco Garcia, Luiz Gil, Maria Rico. Buenos Aires: Ed. Aguilar, 1972.

PLATON. *Górgias*. Trad. Alfred Croiset e Louis Bodin. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

PLATON. *Phèdre*. Trad. Luc Brisson. Paris: Flammarion, 1989.

Fontes Secundárias:

CASSIN, Barbara. *L'Effet Sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.

CLAVAUD, Robert. *Le Ménexène de Platon et la rhétorique de son temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

GERNET, Louis. *Antropologie de la Grèce Antique*. Paris: Flammarion, 1982.

GERNET, Louis. *Droit et Institutions en Grèce Antique*. Paris: Flammarion, 1982.

GUTHRIE, W. K. C. *Historia de la Filosofia Griega*. Trad. Joaquim Rodrigues Feo, Madrid: Gredos, 1988.

GUTHRIE, W.K.C. *Os Sofistas*. Trad: João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

KERFERD, G.B.. *The Sophistic Movement*. London: Cambridge University Press, 1981.

LORAUX, Nicole. *A invenção de Atenas*. Trad: Mario da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
